

Entrevista

Thurston Moore O músico norte-americano, fundador da influente banda Sonic Youth, está em São Miguel para uma residência artística no âmbito do festival Walk&Talk

“Achei logo os Açores um ótimo lugar para a inspiração”

RUI JORGE CABRAL
rcabral@acorianoriental.pt

Aos 57 anos, o músico norte-americano, Thurston Moore, fundador dos Sonic Youth - uma das bandas de rock alternativo mais influentes dos últimos 30 anos - pode já não andar tanto aos saltos e gritos pelos palcos, enquanto tenta extrair o som mais estranho e profundo da sua guitarra, mas mantém ainda a urgência criativa, na música e na escrita, que o faz não parar.

É foi essa urgência que o trouxe, de 26 de fevereiro e 6 de março, à ilha de São Miguel para uma residência artística do Walk&Talk, numa parceria com o Pico do Refúgio, onde o artista está hospedado. Durante a semana que vai passar em São Miguel, Thurston Moore quer perceber em que medida o canto do Priolo pode ser 'traduzido' para guitarra e para o seu próximo trabalho num dos vários projetos musicais em que está envolvido, mas também quer deixar aqui o que ele já intitulou de 'Poemas dos Açores'. Thurston Moore trabalhará ainda em São Miguel, juntamente com uma editora e uma designer, que o acompanham na residência artística, para uma revista cultural com o foco na transsexualidade.

A oportunidade de trazer este influente artista americano aos Açores resultou de um convite do Walk&Talk ao curador e programador Sérgio Hydalgo, da Galeria Zé dos Bois (ZDB - Lisboa), espaço de predileção para Thurston Moore, sempre que vem a Portugal. A 6ª Edição do Walk&Talk - que começou como um festival de arte pública, mas alarga cada vez mais as suas fronteiras - acontece este ano entre 15 e 31 julho, mas a intenção dos seus organizadores é a de estender a sua programação ao longo do ano e apostar numa relação mais intensa dos artistas com os Açores, enquanto laboratório artístico. A vinda aos Açores foi uma decisão-relâmpago, conforme admitiu Thurston Moore. "Talvez não tenha passado ainda duas semanas, o Sérgio (Hydalgo) enviou-me uma mensagem a perguntar-me se não estaria interessado em fazer uma residência nos Açores, no âmbito do Walk&Talk. Olhei para a minha agenda e vi que ou era agora ou nem tão cedo. Perguntei-lhe então: 'posso ir na próxima semana?' Pensava eu que ele ia in-

terpretar a minha pergunta como uma piada, mas ele respondeu-me: 'deixam-me ver...'. E ao fim do dia, já estava a enviar-me uma mensagem a confirmar. Nem estava ainda bem feito à ideia e já estava a viajar para os Açores", recorda. E foi no Pico do Refúgio que o Açoriano Oriental foi ao seu encontro para uma entrevista.

Quais são as suas primeiras impressões sobre os Açores?

A primeira coisa para que me alertaram quando cheguei aqui foi para o estado do tempo, com as quatro estações a acontecerem no mesmo dia. Fiquei espantado, mas já me apercebi que é mesmo assim: o sol, a chuva, o céu azul ou o céu nublado podem caber num intervalo de apenas seis horas... Contudo, achei logo os Açores um ótimo lugar para a inspiração. Pelo que me dizem, esta é uma terra de poetas e sempre me interessei pelos lugares que levam as pessoas a escrever e sobre os ambientes que as inspiram. Mas claro que há exceções. Uma vez perguntei ao William Burroughs, quando ele ainda esta-

“Acho que os Açores poderiam ter o que quisessem em termos artísticos e não é preciso grandes eventos”

va vivo e morava numa pequena cidade do Estado do Kansas, se ele escrevia melhor por viver ali, longe de Nova Iorque e de outras grandes cidades, ao que ele me respondeu: 'eu escrevo em qualquer lado' (risos)... Mas voltando aos Açores, logo quando cheguei aqui, a comunhão com a energia desta ilha fez-me desejar escrever alguma coisa e foi o que fiz. A minha ambição nestes dias é preencher esta 'página' com sentimentos pessoais em forma de poesia sobre os Açores.

Os Açores podem ser um lugar interessante para artistas internacionais passarem aqui temporadas criativas?

Completamente. Acho que os Açores poderiam ter o que quisessem em termos artísticos e não é preciso grandes eventos. Falta talvez partilhar informação ou até apenas



Thurston Moore está a sentir-se bem nos Açores e manifesta mesmo vontade de voltar para tocar

convidar as pessoas a virem cá. Residências como esta do Walk&Talk podem ser decisivas para trazer aos Açores artistas internacionais que gostam, aliás, de viajar. Dou-lhe o meu exemplo: já toquei em muitos lugares, mas nunca aqui nos Açores e gostava de voltar aqui com uma banda para tocar.

Todos os artistas desejam influenciar as pessoas. Quando é que sentiu, durante a sua carreira, que estava a ser uma influência para as pessoas e para os novos artistas?

Influenciar nunca foi a minha ambição. O que eu queria era fazer discos, porque sempre gostei do processo em si: canção em abstrato; composição; gravação e finalmente o disco. Ou seja, o processo entre a manifestação da ideia e o disco, enquanto objeto físico. Sempre fomos com os Sonic Youth aquela banda marginal, que forçava a nota sobre como uma canção poderia ser construída ou sobre como poderíamos existir no mundo do rock, sempre do lado alternativo e como voz do 'underground'. Não procurava atenção nem aplauso. Talvez nos meus 30/40 anos, tenha sentido isso, quando as pessoas me abordavam na rua e me diziam que gostavam do meus discos ou até me agradeciam por a minha música as ter ajudado, de alguma forma, a passar uma fase difícil da vida delas. Isto era gratificante. Mas também o contrário me aconteceu, quando alguém me gritava do outrolado da rua a di-

zer que a minha banda não prestava... Nova Iorque é assim.

Quando os Sonic Youth começaram, era preciso ter uma editora para se aparecer, era preciso vender discos. Hoje, já nada disso parece necessário. A música pode aparecer em várias plataformas e já ninguém compra discos... Como é que vê este novo mundo: é mais difícil ou é mais fácil do que antes?

Hoje é preciso reorientar as ambições. Até certo ponto, estávamos todos numa situação algo distorcida em que um músico de uma banda poderia tornar-se muito rico e popular. Sempre detestei, de alguma forma, a ideia de que alguém que faz música tem de ganhar muito mais do que um professor, por exemplo. Porque é que um professor não pode ganhar milhões? Eles é que deviam ganhar milhões... Num certo aspeto gostei desta 'descida à terra', em que ser músico é apenas seguir uma visão artística, sem que a vida tenha de girar à volta do dinheiro. A dinâmica hoje é diferente, é mais desafiante, mas é bem-vinda para mim. Continua-se a fazer bons discos e continua a haver 'nichos' em que se podem vender discos suficientes que paguem, pelo menos, a sua produção. Talvez hoje a melhor forma para um músico sobreviver seja a de, ou ter um trabalho complementar que pague as contas, ou simplesmente aceitar as coisas como elas são e viver como um boémio, sempre a tocar de um lado para o outro. ♦